

A LITERATURA DE ESCRITORAS NEGRAS: UMA VOZ (DES) SILENCIADORA E EMANCIPATÓRIA¹

Ana Rita Santiago da Silva (UFRB/UFBA)

Resumo: Este artigo resulta da pesquisa de Doutorado, em curso, Escritoras Negras: Vozes (Des) Veladas sobre Afrodescendências (UFBA). É um estudo sobre a produção literária de escritoras negras baianas, referente aos discursos sobre identidades negras, compreendendo-as como construções socioculturais, não fixas e singulares, mas mutáveis e plurais. Desenvolve-se com os pressupostos metodológicos da pesquisa qualitativa e de cunho etnográfico, tendo como objetivos analisar como as obras literárias dessas escritoras, a partir da década de 70, possibilitam uma construção afirmativa de identidades negras e de memórias e entender as interpretações que fazem de si e de identidades a partir do entrecruzamento das Ciências Humanas e Sociais e de estudos de Michel Foucault (1997; 2006) sobre Escrita e Cuidado de si.

Palavras-chave: autoria; escritoras negras

Abstract: This article follows the research of PhD, in progress, Black Writers: Voices (Un) Veiled about Afrodescendências (UFBA). It is a study of the literary output of writers bahianas, referring to the discourse on black identity, understanding them as social and cultural constructions, not fixed and singular, but plural and mutable. It is developed with the assumptions of qualitative research methodology and ethnographic, aiming to analyze how these writers literary works from the 70s, so allow a construction of black identities and memories and understand the interpretations that make themselves and identities from the intersection of humanities and social sciences and studies of Michel Foucault (1997, 2006) Written and care about you.

Keywords: authorship; black women writers

ALGUMAS PALAVRAS INICIAIS

Advém da tradição literária brasileira um projeto estético-ideológico, iniciado por Gregório de Matos e renovado pelos autores subsequentes, em que se constata uma invenção de personagens negras femininas marcadas pela negatividade e subalternidade. Em suas obras, construções discursivas do feminino aparecem figuradas pelo poder masculino, prevalecendo preconizações de personagens negras femininas subjugadas ao patriarcalismo, a representações envolvidas por traços de inferioridades, virilidade acentuada e de valoração

1. Este texto foi parcialmente apresentado no *Colóquio Nacional Poéticas do Imaginário: literatura, história, memória*, em 12, 13 e 14 de maio de 2009, em Manaus-AM, promovido pela Cátedra Amazonense de Estudos Literários da Universidade do Estado do Amazonas, sob o título *O tear de memórias na poética de escritoras negras baianas*.

negativa de suas diversidades. Aliado a isso ainda se constata nela uma ausência significativa de escritoras negras, como também um latente silenciamento de suas obras, provocando a invisibilidade de sua escritura. É dessa realidade que poderemos entender a literatura, por elas produzida, como uma presença resistente, que se quer libertária e transgressora, pois se denota uma escrita pautada em sonhos de emancipação, liberdade, alteridades e de autonomia.

Ao se engendrar uma discussão em torno de projetos literários, no que se refere a rupturas com o que já está estabelecido, proposto e representado na tradição literária no Brasil, torna-se, como se propõe este texto, imprescindível evidenciar alguns caminhos significativos e inovadores que mulheres negras têm percorrido para banir práticas de apagamento de sua escritura, bem como promover representações e discursos literários antipatriarcais e antidiscriminatórios. Apesar de ausentes de circuitos editoriais e literários instituídos, elas escrevem, publicam e tensionam as interdições de suas vozes, abalando os discursos depreciativos sobre si e suas africanidades².

Como prova disso, desfilam, à margem da historiografia literária, nomes³ de escritoras negras como Rosa Maria Egipcíaca Vera Cruz, Teresa Margarida da Silva e Orta, Maria Firmina dos Reis, Antonieta de Barros, Auta de Souza, Carolina Maria de Jesus, que, entre os séculos XVII e XX, fizeram relevantes rompimentos no cenário da literatura, escrevendo e publicando, e ainda hoje seus nomes e obras provocam estranhamentos. Menciono outros nomes como os de Conceição Evaristo, Miriam Alves, Alzira Rufino, Esmeralda Ribeiro, Geni Mariano Guimarães, Sônia Fátima Conceição, Cristiane Sobral, Fátima Trinchão, Aline França, Vanda Machado, Rita Santana, Mel Adún, Elque Santos, Jocélia Fonseca, Urânia Muzanzu, dentre outros, que, na contemporaneidade, perseguem, no Brasil, o ofício da escrita literária.

Ademais, este texto faz uma abordagem sobre estratégias de escrita de mulheres negras, a qual se destaca pelas enunciadoras, ou seja, por quem escreve: são sujeitos que vivem em situações as mais adversas por serem mulheres negras e vislumbram mundos, vidas e homens e mulheres através da estética textual, autorizando-se a escrever como sujeitos que enunciam dizeres e contra-dizeres de si. Assim, através de narrativas e poéticas, um eu ficcional, afirmado pelo eu autoral, torna-se possível expressar dilemas constituídos

² A expressão *africanidades* refere-se às raízes da cultura brasileira que têm origem africana, reportando ao modo de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprio dos negros brasileiros e, de outro lado, às marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia.

³ Há biografias e informações sobre algumas mulheres negras escritoras no Brasil em SCHUMAHER e BRAZIL (2000; 2006); LOBO (1993; 2006); BEZERRA (2007); SALGUEIRO (2005); CASHMORE (2000); SILVA (2007) etc.

entre a mulher literária e a mulher estereotipada pela cultura androcêntrica, já que a arte literária, em muitos momentos, movida pela tradição patriarcal, incumbiu-se de reforçar uma suposta natureza feminina, pautada em domesticidades, fragilidades, submissão, sentimentalismos, emoções e sensibilidades exacerbadas e pouca racionalidade. Destarte, este artigo faz também uma leitura interpretativa de práticas de (des) silenciamento de vozes literárias de escritoras negras que desfilam longe de estigmas e de apagamentos e próximas de marcas de alteridades.

1. LITERATURA AFRO-FEMININA: UMA TESSITURA DE AUTORIA DE MULHERES NEGRAS

Que mulheres, no Brasil, escrevem, publicam e ainda conseguem forjar uma crítica feminista e um público leitor? Infelizmente, apenas poucas mulheres usufruem, histórica e satisfatoriamente, desse prestígio e rituais peculiares ao ofício da arte da palavra. Apesar de Maria Firmina dos Reis, brasileira, descendente de africanos, ser considerada a primeira romancista abolicionista e de outras mulheres negras produzirem literatura, por exemplo, do século XVIII aos nossos dias, ainda denota-se uma ausência significativa delas em espaços e mercados culturais e literários.

Esse cerceamento do eu autoral dessas mulheres, decerto, se associa a outros mecanismos de exclusão e de racismo, constituindo-se como ecos relevantes de tramas que envolvem relações etnicorraciais e de gênero no Brasil. Miriam Alves, participante de projetos literários em torno da literatura negra e afro-feminina, explica sobre o anonimato que perseguem autores/as negros/as:

A produção literária de autores e autoras negras vive em verdadeiros sacos de varas. Primeiro é acusada de essencialismo, depois é punida com o anonimato. Trata-se de um anonimato complexo, que retira a legitimidade do negro como escritor. A esse escritor é reservado um lugar de objeto de estudos no discurso dos pesquisadores, ou seja, alguém que só tem existência através do agenciamento do outro [...] Na verdade, existe a prática de defender o status quo da literatura e a visão de que é um lugar reservado a determinados assuntos, específicos das suas formas de abordagens. (ALVES, 2002, p. 235)

As produções literárias de mulheres negras ainda estão ausentes, consideravelmente, de inventários da literatura feminina⁴, bem como de diversas instâncias acadêmicas, artísticas e culturais em torno da mulher e/na literatura. Seus postulados e proposições não atendem, satisfatoriamente, às demandas e vicissitudes da constituição de suas vozes literárias femininas negras. Essas constatações levam a inferir que práticas de apagamento da escrita feminina talvez atinjam mais intensamente as autoras negras, uma vez que são mais agravadas pelas relações desiguais, inclusive do ponto de vista etnicorracial e não apenas de gênero, muito presentes em redes e tradições literárias brasileiras.

A literatura afro-feminina, nessa perspectiva, é uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui de temas femininos/feministas negros comprometidos com estratégias políticas emancipatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feministas por elementos e segmentos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras. Por esse projeto literário, figuram-se discursos estéticos inovadores e diferenciadores em que vozes literárias negras e femininas, destituídas de submissão, assenhoram-se da escrita para forjar uma estética textual em que (re) inventam a si/nós e cantam repertórios e eventos histórico-culturais negros.

A literatura afro-feminina se dimensiona, desse modo, pelas narrativas e textos poéticos com marcas de jogos de resistência, de experiências, afetos e desafetos, sonhos, angústias e histórias de mulheres negras. Neste sentido, essa escrita literária se justifica não apenas pela quebra da hegemonia e supremacia masculina, mas também pelo enfrentamento de representações depreciativas de repertórios culturais negros e de personagens femininas negras, pautadas em um passado histórico escravizado, com libido e virilidade exacerbadas e caracterizadas com um perfil subserviente. Por meio desse projeto literário, elas podem desenhar e reconhecer existências e práticas sociais diferenciadas de um eu feminino negro, com atributos e papéis distintos do masculino, mas não inferior e desigual.

Certamente, vale ressaltar que esse movimento literário não se configura por tentar sobrepor aquela produzida pelos homens ou pelo seu estilo e forma, ou como expressão de uma possível subjetividade feminina, ou ainda tão somente por ser escrita por mulheres negras, mas pelas suas temáticas e representações de personagens femininas negras, tensionadas e nutridas pelos desejos de autonomias políticas e culturais e pelos anseios por

⁴ *Literatura escrita por mulheres*; *literatura feminina* se definem, neste texto, como um conjunto de textos literários produzidos por mulheres e *escritura/escrita feminina* são categorias conceituais utilizadas para reiterar a participação de mulheres na produção literária.

A Literatura De Escritoras Negras: Uma Voz (Des)Silenciadora E Emancipatória

conquistas do espaço público. Assim, ela é uma textualidade que se pretende transgressora e revolucionária, uma vez que almeja anular com tramas opressivas e de aprisionamentos do pensamento masculino, já postos pela linguagem, por conseguinte pelas concepções de mundo e relações de poder.

A estética afro-feminina, dessa maneira, põe-se em um lugar de criação de uma textualidade em interação com histórias, desejos, resistências e insurgências, com memórias pessoais e coletivas e identidades negras e de gênero. Coloca-se ainda em um território discursivo e imaginário desconstrutor de marcas identitárias amparadas em representações que inferiorizam universos e repertórios culturais negros e de gênero e construtor de tessituras que os valorizam e abalam significantes que os estigmatizam, tal como se desenha em Paradoxo, da escritora negra baiana Mel Adún,

Não vou mais lavar os pratos,
Agradeço a Sobral.
Vou ser agora meu bem, viu, meu mal?
Cansei de ser você: de sonhar seus chatos
sonhos
Cansei de me emperiquitar
Pra encontros enfadonhos.
Agora serei meu bem,
Vou reaprender a deitar
E a sonhar sonhos meus
Com minhas cores prediletas.
Sem pensar em sentar de pernas cruzadas
Sem ligar pra depilar
Não quero baile de debutantes,

Tampouco ter filhos ou casar.
Agora vou ser meu bem, viu meu mal?
Vou ser pós-moderna, pelo tempo que
quiser
Brilhar como Yaa Asantewaa
Vou voltar a ser mulher.
Quando um dia acordar
E lavar aos pratos por vontade
E me emperiquitar por vaidade.
Casar porque me apaixonei
E parir porque eu quis,
Serei para todo o sempre meu bem
Viu meu mal? (ADÚN, 2008, p. 40)

A voz poética decide-se por abolir papéis, a ela atribuídos, que indiquem anulação de si e viver em função de projetos de vida e sonhos de outrem, optando por assumir os rumos de sua vida, querendo-se senhora de si, de suas vontades, paixões e ações. Sua luta parece ser solitária, pois consiste em voltar-se a si mesma, colocando-se também no centro das palavras e a brilhar como a Yaa Asantewaa⁵. Apenas parece, uma vez que em sua busca e conquista de liberdade ecoam, silenciam e ruminam outras vozes narrativas e poéticas que também decidem mostrar-se e assinar a autoria de seus destinos. Nesses versos prevalecem

⁵ Yaa Asantewaa, (1850-1920), de acordo com Silva (2005), foi líder da última resistência realizada no século passado em território africano, diretamente contra o colonialismo britânico feito pela civilização Ashanti, uma confederação de reinos que se desenvolveu no sul de Gana nos séculos XVIII e XIX, tendo a sua capital na cidade de Kumasi, com edifícios feitos de terra, madeira e palha, que hoje são considerados patrimônios da humanidade. Yaa Asantewaa opôs-se bravamente contra às normas estabelecidas e ao domínio masculino. Foi exilada, só retornando à África vinte anos depois. Foi bem consciente dos elementos que compunham a sua identidade: ashante: mulher, filha, mãe, irmã, esposa, avó, agricultora, líder política, guerreira e Nana, mãe-rainha.

os desejos do sujeito poético de libertar-se do jugo da submissão e começar a ser, a pensar e a decidir sobre si e, acima de tudo, a querer bem a si mesma. Ser livre é a também uma meta comum à voz do poema, que será garantido pelo seu protagonismo e pelas ações reversivas.

Apesar de identificar latentes limites, transitoriedades, desconfortos e incipiências da categoria conceitual literatura afro-feminina, há, pois, a convicção de que essa não é mais uma etiqueta ou rótulo, atribuído a uma manifestação literária. Ao contrário, longe de minimizar e/ou confundir um gênero discursivo com a cor da pele, sexo ou gênero é, em verdade, mais uma oportunidade de trazer à baila a necessidade de coalizões a uma escritura que se quer imaginária, mas também comprometida com ideais emancipatórios, anti-patriarcais e anti-racistas, permeando a produção literária.

2. AUTORIA FEMININA NEGRA E O JOGO⁴ DA ESCRITURA⁶

Ao evidenciar alguns traços relacionados à literatura afro-feminina pareceu se estabelecer uma contradição no que tange a algumas abordagens pós-estruturalistas que passeiam desde o século XX, tais como a morte do autor e a crise do sujeito temas abordados, respectivamente, por Roland Barthes (1988) e Michel Foucault (2006). Essa possível incongruência, no entanto, fica apenas na esfera da aparência, haja vista que, indubitavelmente, considerar a identidade autoral de escritoras negras, neste texto, adquire uma possibilidade de significância, na medida em que se desloca daquela que imortaliza o pai (ou a mãe) do texto, ao mesmo tempo em que se distancia daquela imagem que a coloca como a construtora de verdades, de sentidos definitivos e de descobridora da origem de significados. Adquire pertinência, nesta perspectiva, o valor concedido à escrita delas, não como autoras exclusivas de significações, mas como produtoras de escrituras poéticas e narrativas que inscrevem bem contíguas daquilo que garante Eduardo A. Duarte ao abordar sobre a morte do autor:

[...] como estratégia do texto literário, a tese da morte do autor ganha operacionalidade se entendida como metáfora do declínio não do autor, mas de uma determinada imagem do autor vinculada ao sujeito cartesiano, visto

⁴ O sentido de *Jogo* atribuído, neste texto, corresponde àquele de Jacques Derrida: “[...] podemos denominar jogo a ausência de significado transcendental como ilimitação do jogo, isto é, como abalamento da onto-teologia e da metafísica da presença [...]” (DERRIDA, 2004, p. 61).

⁶ *Escritura* aqui se relaciona com o entendimento de J. Derrida (2004). Para ele, a *Escritura* é uma cadeia de rastros (de significantes), ou seja, é aquilo que permite a atribuição de sentido a qualquer linguagem e não apenas a língua falada, já que toda linguagem é imotivada, sem origem e sem significado transcendental que lhe permita sentido. Ao contrário, possibilita rastros de outros rastros que costumam uma cadeia de sentidos.

A Literatura De Escritoras Negras: Uma Voz (Des)Silenciadora E Emancipatória

como identidade a si e plenitude una e indivisível, governada pela razão. O que se desconstrói é a idéia do autor como Pai, logo, como Origem ou fonte absoluta do texto [...] (DUARTE, 2005, p. 70)

Em A morte do autor, Barthes, ao fazer uma crítica radical à ideia do autor como um inventor solitário e responsável pelo conteúdo de um texto, rejeita a relação entre autoria e fonte original do significado do texto, bem como a noção de autor como o único autorizado para interpretação. Dessacraliza-se, com isso, a imagem do autor; tornando-o um autor-ausente. Ao afastá-lo do texto, destitui-se a probabilidade de decifração de significados, uma vez que no texto não há sentido original e absoluto, tampouco há informações subliminares nas suas entrelinhas, ou mais precisamente, por trás das palavras. Sendo assim a sua significação não está dada, mas por construir pelo leitor, descartando do texto a suposta intencionalidade, pois, segundo Antoine Compagnon, “[...] se o sentido é intencional, objetivo, histórico, não há mais necessidade nem da crítica, nem tampouco da crítica da crítica para separar os críticos [...]” (COMPAGNON, 2006, p. 49). Disso posso inferir que a autoria desvincula-se eminentemente da autoridade autoral (DUARTE, 2005), plena e soberana, diante de possíveis significações atribuídas a um texto, associando-se também a outros promotores de significação textual: os leitores.

De fato, a leitura é uma ação que se realiza através da multiplicidade de significados estabelecidos pelo leitor, por isso deriva de um processo dialógico e de interação entre ele e o texto. Dessa maneira, o texto, além de ser ambíguo e passível a múltiplas interpretações, é também uma construção com estratégias de poder e de controle, por conseguinte seu significado será sempre relativo e a interpretação será sempre variada e transitória. Resulta disso inclusive o abalo do centramento do sujeito-autor, uma vez que, conforme descrição de Thomas Bonnici, “[...] os pós-estruturalistas desconstruem a noção de “sujeito”. Alegam que a finalidade das ciências humanas não consiste na compreensão ou na construção do ser humano, mas em sua dissolução [...]” (BONNICI, 2009, p. 146). Assim a evidenciação do leitor também tensiona a solidez do autor e a fixidez do significado, pois se mobilizam, na construção de significação textual, uma pluralidade de vozes, sentidos e diversos jogos de referências.

Outro aspecto que desponta em relação ao apagamento do autor refere-se a sua função, tratada por Foucault (2006) em O que é um Autor, quando delimita os lugares em que essa função poderá ser exercida para além das contingências do livro, da obra e do autor. Nesse estudo, ele faz uma análise da relação do texto com o autor e do modo como o texto a

ele se refere, visto que, para ele, é mais preferível compreender esses locais de exercício da função-autor, como ele denomina, a constatar sua ausência.

Esse desaparecimento do autor se efetiva com a sua morte, haja vista que, ao invés de tornar-se imortalizado e consagrado com a escrita, por ela, sua própria vida é imolada. Sendo assim o ato de escrever torna-se uma ação homicida, uma vez que ela mata e elimina o seu dono; sua existência implica e depende de que ele seja por ela assassinado. Assim, não como indivíduo, mas como um produtor de discursos, o autor “[...] é um princípio que classifica e descreve, logo, que comunica, restringe, exclui e inclui. É um, de acordo com João Adolfo Hansen, “[...] ser de razão”, produzido por procedimentos classificatórios que articulam um nome próprio [...]”, (HANSEN, 1992, p. 34). Dessa maneira a função-autor ultrapassa a obra, porque, além de exercer controle, como princípios de classificação, de ordenação, de distribuição dos eventos e do acaso, há outras características por Foucault apresentadas:

[...] a função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que contém, determina, articula o universo dos discursos; ela não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos em todas as épocas e em todas as formas de civilização; ela não é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas; ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários “egos”, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar. (FOUCAULT, 2006, p. 281)

Escritoras negras, desse modo, ao criarem contra-dizeres que desestabilizam discursos que recalcam sua escrita, as relações de poder nas tramas do racismo e do sexismo, por exemplo, imbricadas com outras relações, universos e sujeitos, tornam-se um de seus lugares também diferenciadores de dialogicidade, transgressões e de exercício da função-autor. Destarte a função-autor é por elas exercida em contextos diversos e ocorre de maneira vária, tendo por vezes similaridades, quando pelos discursos operacionalizam versos e prosas que subvertem qualidades construídas em relação a sua escrita e promovem fissuras imaginárias em saberes e poderes que interdita seus ditos e escritos. Para isso, elas trazem o desafio da primeira pessoa como uma voz ficcional feminina emancipada, revertendo histórias de subordinação e de negação de si/nós, de seus ancestrais, de suas histórias e memórias.

Essas escritoras estabelecem ainda o nome autor, a que se refere Foucault (2006), através de suas assinaturas de discursos poéticos e ficcionais em projetos literários. Não se

A Literatura De Escritoras Negras: Uma Voz (Des)Silenciadora E Emancipatória

trata de escritoras que escrevem em nome de outrem, mas mulheres negras que inscrevem, em um tom performático, sobre si/nós, autorizando-se. Neste sentido, elas se instituem (e não nascem) escritoras por meio de um jogo de relações, que se concretiza no devir, ora tenso, ora dialogado e negociado, distante de apelos e posições naturalizantes ou vocacionais. Esse jogo, assim sendo, transita do ser para o se tornar e o devir, ou seja, compreende a mobilização delas em migrar suas vozes silenciadas para escrituras autorizadas e instituídas, provocando desestabilização de possíveis limites estabelecidos pelo cânone, bem como abalos em seus critérios e prática de eleição, controle e valoração da palavra literária.

Esse jogo, portanto, consiste em promover movimentos de reversões de significações atribuídas as suas obras, na medida em que a sua escritura, como encadeamento de rastros (DERRIDA, 2004), é tecida em um jogo de referencialidades, isto é, não se organiza a partir de uma suposta origem, de um significado transcendental, conforme a linguagem de Derrida, mas de múltiplas possibilidades de imputação de significados de seus mundos e histórias, memórias e imaginação e de lugares de exercício de suas função-autor. Torna-se, pois, significativo, e não apenas ilustrativo, diante deste contexto, o poema Baobá, de Urânia Muzanzu, escritora negra baiana, para incrementar esse debate em torno da literatura de autoria feminina negra, aqui também chamada de literatura afro-feminina, a fim de reiterar a participação de mulheres negras, também como uma ação emancipatória, no universo de Letras.

Não quero flores, quero um Baobá!
Pois quero um homem que deseje meu corpo
de curvas roliças.
Meu cabelo que cresce para o alto,
minhas ancas largas para guardar filhos
e meu cheiro forte de mulher preta.
Não quero flores, quero um Baobá!
Porque a minha boca carnuda, para o meu
amor, deverá ser objeto de desejo e deleite.
Não quero flores, quero um Baobá!
Porque quero que o meu homem entenda o
meu jeito de fazer as coisas como os "Os
modos de uma rainha caprichosa",
livre do pensamento plantado em nós pelo
colonizador.
Não quero flores, quero um Baobá!
Para que meu homem saiba que meus seios
fartos, além de alimentar crianças,
alimentarão cumplicidade de marido e mulher.

Esse é meu jeito de lhes dizer que tato.
Não quero flores, quero um Baobá!
Com o meu amante quero construir uma casa,
ter um lar, cuidar das plantas,
perder noites de sono com as crianças,
ser parceira nos seus sonhos
e dormir empernadas nas madrugadas frias...
Com aquela certeza de que: aqui ninguém me
bole!
Não quero flores!
Elas têm vida curta.
São vulneráveis ao frio, ao vento, à chuva, ao
sol...
Quero o Baobá!
Ele se ergue em terra firme.
O sol e a chuva o tornam frondoso e
abundante.
Ele pode não trazer o perfume e a beleza das
flores. (MUZANZU, 2008, p. 1)

A Literatura De Escritoras Negras: Uma Voz (Des)Silenciadora E Emancipatória

A voz poética, mulher preta, prefere o Baobá, e não as flores. Essa escolha não se dá sem razão, já que o Baobá, também no poema, é uma árvore frondosa, menos bela e aromática que as flores. Na sua opção, “Quero o Baobá! Ele se ergue em terra firme. O sol e a chuva o tornam frondoso e abundante [...]”, reside, possivelmente, o seu desejo de similaridade com o Baobá, que é resistente e forte, mediante as relações de poder e contra as formas de sujeição e subjetivação, ou seja, de acordo com M. Foucault, contra “[...] aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, deste modo, aos outros [...]” (FOUCAULT, 2002, p. 235).

O Baobá, indubitavelmente, como uma árvore firme, mas não tão vulnerável e breve como são as flores, pode simbolizar, nesse poema, histórias, desejos e ações emancipatórias de escritoras negras, porque a mulher preta apresenta-se e pode-se por ela talvez desenhar performances dessas mulheres, bem como um de seus lugares referenciais de escrita, já que há nele uma afirmação de si, enquanto sujeito poético feminino negro. Essa auto-percepção, marcada pela subjetividade de um eu performático, desfila como um ato político, haja vista que reconhecer-se mulher preta, ou seja, a invenção de suas identidades não ocorre isoladamente, mas nas relações com o outro. Isso se aproxima das considerações de Stuart Hall que, ao abordar sobre a necessidade das identidades, problematiza a sua constituição por entender que elas

[...] são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construído (Derrida, 1981; Laclau, 1990; Butler, 1993) [...] (HALL, 2000, p. 110).

A mulher preta não apenas diz quem é ou quem não é; como uma identidade negra feminina construída cultural e socialmente, acima de tudo ela declara em que se tornara e o que quer ser e fazer. Neste sentido, vale a discussão de Tomaz Tadeu da Silva sobre a produção da identidade e da diferença, quando assegura que a afirmação da identidade e a marcação da diferença pressupõem movimentos de inclusão e de exclusão, pois, segundo ele,

[...] dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre

quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteira, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder [...] (SILVA, 2000, p. 82)

Nos desejos da mulher preta, desse modo, também estão imbricadas disputas de poder, visto que por elas suas identidades são inventadas: “[...] quero um homem que deseje meu corpo de curvas roliças. Meu cabelo que cresce para o alto, minhas ancas largas para guardar filhos e meu cheiro forte de mulher preta”. Ao afirmar esses anseios, como um exercício de poder diferenciador, o eu poético delimita algumas marcas fluídas e instáveis de identidades (HALL, 2000) e define, simultaneamente, traços de diferenças, já que por esses se constituem aquelas.

Em seu fazer poético, como um ato performativo, portanto, consideram-se seus desejos – e a realização deles – como traços de pertencimento, de diferenças e de demarcações de fronteiras, uma vez que evidencia um Eu que indica vivências e posições, incisivamente marcadas pela dominação, pela subversão e, por conseguinte, por ações que forjam contra-poderes ou micro-poderes conforme a perspectiva de Foucault (2002). Segundo Roberto Machado, esse filósofo assim estudou o poder: “[...] não como uma dominação global e centralizada que se pluraliza, se difunde e repercute em outros setores da vida social de modo homogêneo, mas como tendo existência própria e formas específicas ao nível mais elementar [...]” (MACHADO, 2002, p. XIII-XIV).

Um fazer literário, com tom dos poemas Paradoxo e Baobá, por consoante, circunscreve identidades negras e de gênero por uma escrita, com traços da literatura afro-feminina em que vozes ecoam em defesa da justiça, da liberdade e de novos significados à rotina e às guerras diárias, com traços de um eu político-humano e lírico que enfrenta vicissitudes, feridas, ausências e dores individuais e coletivas. Circunscreve também por cantar sonhos, experiências e visões de mundo, bem como preconizar, pelo imaginário, identidades negras femininas e suas conquistas de autonomia, uma vez que garante um direito à fala poética e narrativa, através de significantes que sugerem consciência da negação de suas lutas e ao mesmo tempo

anseio, ainda que imaginários, por entendimento, liberdade, reconhecimento, contestação, re-volta e mudança.

3. AINDA ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A reflexão, aqui apresentada, possivelmente aponta alguns desafios que se desenham em percursos de formação da identidade autoral de escritoras negras, posto que preconizar escrituras literárias deslocadas de discursos, narratividades e representações fixos e rígidos em relação às populações negras diaspóricas, às civilizações africanas e às memórias e histórias africano-brasileiras é uma invenção complexa e quase sempre tensionada. Construir uma autoria com esses traços também lhes exige movimentar jogos de significações já impostos as suas obras, sem excluí-los ou colocá-los em oposição, mas sob rasura, isto é, descentralizá-los com o reconhecimento de que um significado é flutuante e, de modo imperceptível, pela linguagem, apóia-se e se transforma em outros.

Ademais as provocações desse texto poderão talvez fortalecer e suscitar outros questionamentos e debates acerca de novos agenciamentos literários, visto que não é mais tão salutar e possível (tensiono se já fora algum dia) compreender e usufruir do prazer estético literário tão somente pela tradição da literatura sem reconhecer e visibilizar os movimentos pulsantes e (des) contínuos de rupturas, inovações e ressignificações da arte da palavra.

REFERÊNCIAS

- ADÚN, Mel. **Paradoxo**. In: Cadernos Negros. N. 31. São Paulo: Quilombhoje, 2008.
- ALVES, Miriam. **Cadernos Negros (número 1): estado de alerta no fogo cruzado**. In: FONSECA, M^a Nazareth Soares; FIGUEREDO, M^a do Carmo (Org.). Poéticas afro-brasileiras. Belo Horizonte: Mazza: PUC Minas, 2002.
- BARTHES, Roland. **A morte do autor**. In: O rumor da língua. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BEZERRA, Kátia da Costa. **Vozes em dissonância. Mulheres, memória e nação**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.
- BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria literária. Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

- CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Selo Negro edições, 2000.
- COMPANGON, Antoine. **O demônio da teoria**. Literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades**. Belo Horizonte: FALE-UFMG: 2005.
- FOUCAULT, M. **Escritas de Si**. In: O que é o autor? Portugal: 3. ed. Trad Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Portugal, Lisboa: Vega, 1997.
- _____, M. **Microfísica do poder**. 17. ed. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Grall, 2002.
- _____, M. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. Márcio A. da Fonseca. Salma Tannus Muchail. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Tópicos).
- _____, Michel. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Manoel Barros da Motta (Org.). Inês Autran Dourado Barbosa (Trad). 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Coleção Ditos & Escritos, III).
- HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HANSEN, João Adolfo. Autor. In: JOBIM (org.), José Luís. **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.
- _____, Luiza. **Guia de escritoras da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.
- MACHADO, Roberto. **Por uma genealogia do poder**. In: FOCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.
- MUZANZU, Urânia. Baobá. **Folha Literária**. Salvador, 2008.
- SALGUEIRO, M^a Aparecida Andrade. **Escritoras negras contemporâneas**. Rio de Janeiro: Caetés, 2005.
- SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (org.). **Dicionário Mulheres do Brasil**. De 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SILVA, Ana Rita Santiago da. **A literatura de escritoras afro-brasileiras: uma outra (re) invenção de identidade e diversidade**. In: NÓBREGA, Geralda Medeiros; DIONÍSIO, Ângela; JUSTINO, Luciano B.; JOACHIM, Sebastien (orgs.). Cidadania Cultural. Diversidade cultural. Linguagens e Identidades. Recife: Elógica Livro Rápido, 2007.